

Editora Zain



# Leopold

## Uma novela

Luiz Antonio de Assis Brasil

**zain**

© Luiz Antonio de Assis Brasil, 2023

Todos os direitos desta edição reservados à Zain.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor em 2009.

**EDITOR RESPONSÁVEL**

Matthias Zain

**CAPA**

Maria Williane

**PROJETO DO MIOLO**

Julio Abreu

**PREPARAÇÃO**

Lia Cremonese

**REVISÃO**

Marina Saraiva

Bonie Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Assis Brasil, Luiz Antonio de  
Leopold : uma novela / Luiz Antonio de Assis Brasil. – 1ª ed. –  
Belo Horizonte, MG : Zain, 2023.

ISBN 978-65-85603-00-3

1. Ficção brasileira I. Título.

23-150684

CDD-B869.3

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Tábata Alves da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9253

**Zain**

R. São Paulo, 1665, sl. 304 – Lourdes

30170-132 – Belo Horizonte, MG

[www.editorazain.com.br](http://www.editorazain.com.br)

[contato@editorazain.com.br](mailto:contato@editorazain.com.br)

[instagram.com/editorazain](https://www.instagram.com/editorazain)

# Sumário

I. Noite	11
II. A noite avança	83
III. No abismo da noite	153
IV. Madrugada	207
V. Sol	277
Posfácio para ser lido antes	287
Agradecimentos	293



**Leopold**

Uma novela





*Um milagre, que Deus permitiu ver a luz em Salzburg [...] se é meu dever convencer o mundo desse milagre, que seja agora [...].*

Leopold Mozart para Lorenz Hagenauer,  
30 de julho de 1768



## I. Noite

**A** DILIGÊNCIA POSTAL DE DOIS CAVALOS, mais modesta do que as elegantes carruagens da época, e há pouco adaptada para o transporte regular pela empresa dos Irmãos Fuchs, tenta vencer a estrada em direção a Salzburg. Início da primavera do ano 85 do Século das Luzes, e ainda faz frio. As lanternas a óleo de cachalote, presas aos dois lados da boleia, mal conseguem clarear algumas braças à frente, obrigando à marcha mais cuidadosa. Saindo de Munique às dez da manhã do dia anterior, tendo como único passageiro um ilustre músico, que os cocheiros desconhecem, a viatura balouçante, diligências balançam como barcos em mar bravo, chegou à noite em Wasserburg, local de pouso em que o músico se hospedou no À Estrela de Ouro, pôde tomar uma sopa e estirar os ossos, e a diligência seguiu o itinerário cedo da manhã de hoje. Diligências viajam ao sabor de avarias, cocheiros que vivem sessenta anos passam quarenta a consertarem suas diligências, e estes dois veteranos das estradas bávaras não desejavam a quebra do bloco do eixo da roda traseira esquerda logo a seguir da estação de posta de Frabertsham. Resignaram-se, contudo, e trabalharam com afinco e depois de três horas, retomada a viagem, encontraram um trecho da estrada arruinado pela água do degelo, onde os cavalos às vezes tinham de ir a passo, e disso resultou que a noite os alcançou ainda na estação de posta de Stein, quando já deveriam estar em Salzburg.

O músico ilustre apeia, entra na estação e vai para a sombra de um arco da sala encardida e mal iluminada, procurando colocar-se fora das vistas do casal que aguardava. Depois de

um *Servus!* de alívio, o homem e a mulher dizem que estavam ali desde o início da tarde, sem notícias da diligência. Os cocheiros e o comissário da estação dizem-lhes para irem dormir em casa e retornarem na manhã seguinte, pois a diligência irá pernoitar ali mesmo. O casal fica desolado, eles vão a Salzburg apenas para assistirem ao casamento da irmã da senhora na Igreja de São Caetano, são padrinhos, e se perderem o casamento não têm razão de ir, e enfim, como acontece com todas as pessoas nervosas, acabam por contar suas vidas, como se isso interessasse a seus interlocutores. Já o músico ilustre se enfurece, e, chamando o comissário à parte, diz a ele que não é responsável pelos atrasos, que já lhe bastou passar uma noite fora de casa e que não faz parte de seus planos dormir no desconforto de uma imunda estação de posta infestada de piolhos, melhor dormir na diligência, já chegava toda a odisséia da viagem maluca, e ademais o casal precisava chegar a horas para o casamento. Assim, o músico vai lá fora, persuade os cocheiros com 1 Gulden a cada um, e a custo convence o comissário da estação de que a melhor coisa a ser feita é todos seguirem em frente, mesmo com a lentidão a que a noite obriga, e desse modo pela manhã, em algum horário, estarão em Salzburg. Enfim, põem-se todos de acordo, para tristeza do comissário, que já somava o ganho do pouso forçado dos viajantes. Substituem-se os cavalos, os empregados trocam os tijolos aquecidos nos compartimentos metálicos debaixo dos assentos, os cocheiros bebem seu vinho com pão e queijo, o músico ilustre comprou-lhes mais duas estimulantes garrafas, o casal ocupa seu banco na diligência e, no banco em frente, vem sentar-se o músico, enrolado em seu grosso capote de viagem e munido de uma candeia acesa, a qual pendura num gancho junto ao seu banco, tendo o cuidado de pôr no assento ao lado a pasta que não abandona, como se ela contivesse ouro. Agora baixa os olhos para um livro aberto e pouco iluminado pela luzinha da candeia, não quer ser reconhecido,

precaução inútil, sua imagem não é encontrada nas feiras de gravuras, já a do seu filho, sim, e em abundância, depois do enorme sucesso de sua ópera *O rapto do serralho*.

Em Viena, esse filho acorda-se no meio da noite, exausto, mas excitado, acende a vela e pega de novo o livro que esteve a ler nas últimas semanas, é uma peça de Beaumarchais, *Le mariage de Figaro*, *As bodas de Fígaro*, na edição francesa do ano passado, e, de visível e pura satisfação, dá um pequeno estalo com a língua, talvez sua versão íntima de *Eureka!*, lê alguns trechos soltos das falas atrevidas do revolucionário valete de quarto e numa delas ele diz ao conde, *Parce que vous êtes un grand seigneur, vous vous croyez un grand génie!*, *Porque sois um grande senhor, vós vos acreditais ser um grande gênio!*, e o leitor tem um olhar de cumplicidade e de agrado, e passa para a última página, lê-a até o fim. Levanta-se em silêncio, a esposa e o filho dormem ao lado, vai à sala e inicia uma carta que começa com: *Caro sr. Lorenzo da Ponte, o melhor dos libretistas que conheço! Acerca da conversa que tivemos na casa do barão N., tenho uma excelente proposta de ópera para lhe fazer.*

A diligência retoma a viagem. O músico, assolado por um forte incômodo, fala consigo mesmo.

Eu provoquei toda essa celeuma na estação de posta porque quero chegar logo a Salzburg para dissipar o abismo em que me encontro, essa catástrofe que me aconteceu em Viena, essas trevas que me envenenam a alma, preciso encontrar a luz do meu apartamento de viúvo, o grande salão, o meu quarto, os quartos de hóspedes dos meus alunos privados, preciso ser acolhido pela bondade da minha prestativa Tresel, que, mais

do que ama de casa, é cozinheira, arrumadeira, faxineira, uma suave pessoa que não me deixa sentir só, e preciso ver minha filha querida, Nannerl, Nannerl querida!, ela é minha segurança, escrevi que viesse de St. Gilgen para me esperar em Salzburg, afinal não é tão longe, que deixe por uns dias seu marido nobre e todos seus nobres e ranhosos enteados, tomara que ela tenha recebido meu bilhete a tempo, preciso providenciar o reparo do seu forte-piano, o que tanto prometi, preciso reassumir meu eterno emprego de vice-mestre de capela, preciso entrar na Catedral e sentir o perfume do incenso, preciso tocar de novo a minha antiga música e a música sempre nova do meu filho.

Dizem que velhos falam sozinhos, isso é patético e triste, falamos sozinhos porque não temos mais quem nos ouça, mas há um motivo mais forte. Os jovens só pensam, sem pensar que pensam, tudo natural como respiram e caminham, e já nós, os velhos, se nos entregamos aos pensamentos desordenados, corremos o risco de começarmos a falar num violino Amati e logo estamos a falar no rinoceronte desenhado por Dürer, que animal maravilhoso, e assim é bom que organizemos nossos pensamentos em palavras ditas em voz alta para não perdermos o fio da meada, e também isso é uma coisa ridícula, pois os outros logo nos acusam de caducos. Mas foi agora, pensando, que achei uma solução para pôr disciplina nas minhas ideias, e para tanto posso servir-me dos meus já adormecidos companheiros de viagem como ouvintes, esse senhor de uns trinta anos, ou mais, nunca eu soube adivinhar a idade das pessoas, pálido, magro como um espantalho, estará doente?, a mulher ao lado, ela bastante rechonchuda, o bom é que ambos estejam a dormir, esse senhor mudou de posição apenas para acomodar o corpo, que não se desperte, senão desejará conversar, e é o que menos quero agora. Em Stein, já aqui dentro da carruagem, eu a olhar com o canto do olho, vi que tirou o chapéu, a peruca, ele é, ainda como eu, dos que se obstinam em usar a peruca, sem a peruca eu não sou eu mesmo,

e passou os dedos pelo crânio para arejar os cabelos esmagados e gordurosos, e a peruca a seu lado parece um cãozinho. Reconheci o sotaque como dos arredores de Salzburg quando ouvi a ambos na estação, e era um acento algo arranhado pela estada em outro lugar, os dois cansados pela longa espera, ele disse o nome ao apresentar-se para o comissário da estação, um nome burguês habitual e simpático, como Schneider, Fischer ou Müller, e apresentou a mulher, e eu estava tão irritado com aquela situação absurda que nem bem ouvi o nome, e eu gostei disso, e aqui dentro ele repetiu, e com o ruído da diligência não entendi nem fiz questão de entender, e apenas soprei meu sobrenome e disse forte o meu segundo prenome, *Georg*, justo para evitar o assunto da música o resto da viagem, pois se me reconhecerem, quero dizer, reconhecerem meu sobrenome, ainda não estou de todo preparado para decepcionar-me com dolorosas confusões com meu filho. Em algum momento, apenas por cortesia, precisarei saber quem é essa gente. O pior a acontecer aos velhos não é a artrite, nem o açúcar na urina, nem a vista curta, que isso são consequências da degradação natural de todos os organismos vivos, embora existam velhos bastante tolos para quem a velhice é uma surpresa, o pior é a falta de memória, e também é notório que perdemos a lembrança de alguns fatos e não de outros, dos quais mantemos na cabeça até a minúcia do gesto, o tom da fala. Um filósofo esclarecido de nosso tempo escreveu que guardamos no cérebro os fatos e as pessoas sobre os quais temos algum julgamento, isto é, se gostamos ou não, por exemplo, e por isso não posso reclamar, pois sempre emiti juízos sobre o que vivi, vi e senti, daí que eu tenho na cabeça até as pequenas ações que para outra pessoa nada representariam, e que, para mim, podem significar a diferença entre a vida e a morte, e isso é confirmado por Cícero, que, no *Sobre a velhice*, diz nunca ter visto um velho que tenha esquecido o lugar onde enterrou seu tesouro.